

A CAÇADA

CLIVE CUSSLER

A CAÇADA

Uma aventura de Isaac Bell

Tradução

Camila Fernandes



Sob acordo com Peter Lampack Agency, Inc.
551 Fifth Avenue, Suite 1613
New York, NY 10176-0187 USA and
Lennart Sane Agency AB
Copyright © 2007 by Sandecker, RLLLP
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª Impressão — 2013

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Tamires Cianci
Preparação de Texto: Lívia Fernandes
Revisão de Texto: Lilian Aquino, Berenice Baeder, Alline Salles
Diagramação: Vanúcia Santos

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cussler, Clive
A caçada / Clive Cussler ; tradução Camila Fernandes. -- Ribeirão Preto, SP
: Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: The chase.
ISBN 978-85-8163-219-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-15139

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para Teri, Dirk e Dana.

Nenhum pai foi abençoado
com filhos mais amorosos.

UM FANTASMA DO PASSADO

15 de abril de 1950
Lago Flathead, Montana

ELA SE ERGUEU DAS PROFUNDEZAS COMO um terrível monstro em um mar mesozoico. Uma camada de lodo cobria a cabine e a caldeira, enquanto a lama marrom-acinzentada do fundo do lago deslizava e caía das rodas motrizes de mais de dois metros, esparramando-se na água fria do lago. Surgindo lentamente na superfície, a velha locomotiva a vapor ficou pendurada, por um momento, pelos cabos de um imenso guindaste montado sobre uma barcaça de madeira. Ainda visíveis na sujeira que respingava, abaixo das janelas abertas dos lados da cabine, estava o número 3025.

Construída pela Fábrica de Locomotivas Baldwin da Filadélfia, Pensilvânia, a 3025 saía da fábrica em 10 de abril de 1904. A classe Pacific era um tipo comum de máquina a vapor, grande e com rodas motrizes altas, capaz de puxar dez vagões de passageiros, feitos de aço, por longas distâncias a velocidades acima de 140 quilômetros por hora. Era conhecida como 4-6-2 por causa de seu truque de quatro rodas-piloto, logo atrás do limpá-trilhos, as seis grandes rodas motrizes abaixo da caldeira e as duas rodas portantes, pequenas, posicionadas abaixo da cabine.

A equipe da barcaça observou, admirada, enquanto o operador do guindaste articulava suas alavancas e baixava gentilmente a velha 3025 no

de que principal, o peso da máquina fazendo a barça afundar mais sete centímetros na água. Ela ficou lá por quase um minuto até que seis homens superassem seu assombro e viessem tirar os cabos.

— Ela está numaboaforma impressionante para algo que ficou de baixo d'água por quase 50 anos — murmurou o superintendente de recuperação de objetos da barça velha e alquebrada, quase tão antiga quanto a locomotiva. Desde a década de 1920, vinha sendo usada em operações de dragagem no lago e nos afluentes próximos.

Bob Kaufman era um homem grande e amigável, pronto para rir ao menor sinal de um comentário jovial. Com a face corada pelas longas horas que passava ao sol, ele trabalhava na barça há 27 anos. Agora com 75, poderia ter se aposentado havia muito tempo, mas enquanto a empresa de dragagem quisesse mantê-lo ele continuaria trabalhando. Ficar em casa montando quebra-cabeças não era sua ideia de umaboavida. Ele estudou homem a seu lado, que era, até onde podia notar, ligeiramente mais velho.

— O que acha? — perguntou Kaufman.

O homem se virou, alto e ainda esbelto em seus 70 e poucos anos, cabelos fartos e prateados. Seu rosto era gasto feito couro. Ele olhou para a locomotiva com olhos pensativos que ainda não precisavam de óculos. Eles brilhavam azuis com um toque de lavanda. Um grande bigode prateado cobria seu lábio superior, como se tivesse sido plantado ali muitos anos antes. Combinava com suas sobrancelhas, que tinham se tornado espessas com a idade. Ele ergueu um caro chapéu panamá da cabeça e tocou a testa com um lenço.

Caminhou até a locomotiva recuperada, agora solidamente assentada no deque, e focou sua atenção na cabine. Água e imundície pingavam de sua escada, espirrando e espalhando-se pelo deque da barça.

— Apesar da sujeira — disse ele, afinal —, ela ainda é esteticamente agradável aos olhos. É só uma questão de tempo até um museu ferroviário aparecer com recursos para restaurá-la para exposição.

— Foi sorte um pescador local ter perdido o motor de seu barco e mandado dragar o fundo do lago para encontrá-lo. Senão, a locomotiva poderia ter ficado lá embaixo por mais meio século.

— É, foi um golpe de sorte — o homem alto de cabelos prateados disse lentamente.

Kaufman aproximou-se e passou a mão sobre uma das grandes rodas motrizes. Uma expressão sentimental cruzou seu rosto.

—Meu pai foi engenheiro da Union Pacific— disse em voz baixa.—Ele sempre dizia que a locomotiva do tipo Pacific era a melhor que ele já pilotara. Ele costumava me deixar sentar na cabine quando trazia um trem para o pátio. A classe Pacific era usada principalmente para puxar vagões de passageiros porque era muito rápida.

Uma equipe de mergulhadores, vestindo trajes de lona entremeada com camadas de borracha, apareceu de pé em uma plataforma que se erguia de sob a superfície da água fria. Usavam o capacete de metal Mark V, grandes cintos de lastro em torno do peito e botas de mergulho com canos de lona, ponteiros de latão e solas de chumbo que pesavam 16 quilos. Ao todo, os mergulhadores carregavam quase 68 quilos de equipamento. Eles puxaram seus tubos de ar, que chegavam à bomba de mergulho, alimentada com ar da superfície, enquanto a plataforma se elevava e descia oscilante sobre o deque. Maleles subiram a bordo, outro time desceu as escadas e ficou sobre a plataforma enquanto ela baixava para as águas do lago, ainda geladas do longo inverno de Montana.

Ohomem alto observou silenciosamente, parecendo deslocado em meio à equipe da barça em seus trajes de trabalho manchados de graxa e todo o resto. Ele vestia calça marrom habilmente passada e um caro suéter de tricô sob uma jaqueta de caçadora. Seus sapatos estavam muito polidos e tinham mantido o brilho de que encharcado de óleo e cheios de cabos enferrujados.

Ele fitou as pesadas camadas de limo nos degraus da cabine e virou-se para Kaufman.

—Vamos colocar uma escada ali para podermos subir na cabine— disse.

Kaufman deu uma ordem a um funcionário que estava próximo e uma escada logo apareceu, sendo apoiada na borda do piso da cabine, atrás do acento do maquinista. O superintendente subiu primeiro, seguido pelo observador idoso. A água descia do teto feito um lençol, enquanto o carvão dissolvido se misturava ao lodo que fluía da porta aberta da fornalha para o chão de metal.

Primeiro, a cabine pareceu vazia. O labirinto de válvulas, tubos e alavancas por cima da caldeira estava coberto por camadas de lodo e os

tentáculos de algas verdes cresciam ali. A sujeira no chão da cabine estava na altura dos tornozelos, mas o observador alto e silencioso pareceu não notar que ela cobria seus sapatos. Ele se ajoelhou e estudou três corcovas que se erguiam do lodo como pequenas montanhas.

— O maquinista e o bombeiro — ele anunciou.

— Tem certeza?

— Tenho — ele assentiu. — O maquinista era Leigh Hunt. Ele tinha mulher e dois filhos, ambos hoje na meia-idade. O bombeiro era Robert Carr. Ele ia se casar depois dessa viagem.

— Quem era o terceiro homem?

— O nome era Abner Weed. Um cliente durão. Ele forçou Hunt e Carr a operarem a máquina com uma arma apontada para suas costas.

— A aparência deles não é boa — murmurou Kaufman, enojado como que via. — Estou surpreso que não tenham virado esqueletos.

— Não teria restado nada deles se tivessem morrido em água salgada, mas as águas frias e frescas do Lago Flathead os preservaram. O que você vê é tecido adiposo, no qual a gordura se acumula. Com o tempo, se ficar submerso, ele se rompe e dá ao corpo um aspecto de cera e sabão, conhecido como saponificação.

— Precisamos chamar o xerife e trazer um médico legista aqui.

— Isso vai atrasar a operação? — perguntou o estranho.

— Não. — Kaufman balançou a cabeça. — Não deve atrasar nada. Assim que a equipe de mergulhadores prender os cabos de suspensão, nós vamos trazer o vagão-reboque para cima.

— É importante que eu veja que está no carro anexo.

— Vai ver. — Kaufman olhou para o homem, tentando em vão ler os pensamentos dele. — É melhor cuidarmos do vagão-reboque primeiro para simplificar as coisas. Se nos concentrarmos no carro antes que ele se separe do vagão-reboque, pode acabar sendo um desastre. Ele pode não ser tão pesado quanto a locomotiva, mas, se não tomarmos muito cuidado, pode se partir em pedaços. É uma operação bem mais delicada. Além disso, a parte da frente do vagão bagageiro está a meio enterrada de baixo do vagão-reboque.

— Não é um vagão bagageiro. É um vagão de carga fechado.

— Como você sabe?

O observador ignorou a pergunta.

— Suba o vagão-reboque primeiro. Você é o encarregado.

Kaufman olhou para baixo, para as feias protuberâncias que já tinham sido humanas.

— Como é que eles foram parar lá? Como é que um trem pode ter ficado perdido no meio do lago por todos esses anos?

O homem alto fitou o lago calmo e azul.

— Há 44 anos, havia um abalço que levava vagões carregados de madeira de um lado do lago para o outro.

— Com certeza, é estranho — Kaufman disse lentamente. — Os jornais e os oficiais da Southern Pacific informaram que o trem tinha sido roubado. Se me lembro bem, foi em 21 de abril de 1906.

— Um acobertamento da empresa. — O velho sorriu. — O trem não foi roubado. Um despachante ferroviário foi subornado para fretar uma máquina.

— Devia haver algo muito valioso no vagão de carga para valer essas mortes — disse Kaufman. — Como um carregamento de ouro.

— Circularam rumores de que o trem carregava ouro — assentiu o velho. — Verdade seja dita, não era ouro, mas dinheiro vivo.

— Quarenta e quatro anos — Kaufman disse lentamente. — Um longo tempo para um trem ficar perdido. Talvez o dinheiro ainda esteja dentro do vagão.

— Talvez — disse o homem alto, observando, no horizonte, algo que só ele podia ver. — E talvez nós encontremos as respostas quando entrarmos nele.

O ASSALTANTE AÇOUGUEIRO



10 de janeiro de 1906
Bisbee, Arizona

QUEM QUER QUE VISSE UM BEBERRÃO desamparado descendo a Avenida Moon lentamente, oscilando, naquela tarde em Bisbee, o teria confundido com algo que ele não era: um homem que envelhecera antes do tempo trabalhando nas minas que passavam por dentro das montanhas ricas em minerais sob a cidade. Sua camisa estava imunda e ele cheirava mal. Um suspensório estava rasgado e a calça esfarrapada estava metida em botas gastas e esgotadas, que deveriam ter sido jogadas no lixo um pouco de tempo atrás.

O cabelo emaranhado e oleoso descia solto até os ombros, misturando-se à barba não aparada que chegava a meio caminho de seu estômago saliente. Ele enxergava através de olhos de um castanho escuro que era quase negro. Não havia expressão neles; pareciam frios, quase perversos. Um par de luvas de trabalho cobria suas mãos, que nunca haviam segurado pá ou picareta.

Debaixo de um braço, ele carregava um velho sacode aniagem que parecia vazio. Notecido o sujeito estava gravado em estêncil, quase caprichosamente, o nome COMPANHIA DOUGLAS DE ALIMENTOS & GRÃOS, OMAHA, NEBRASKA.

O velho parou por um minuto e encostou-se a uma cerca na esquina da Avenida Moon com a Tombstone Canyon Road. Atrás dele havia um

saloon, quase vazio por ainda ser meio-dia e seus clientes habituais estavam trabalhando duro nas minas. As pessoas andando e fazendo compras na pequena cidade mineradora não lhe lançaram mais que um olhar rápido, enojado. Quando passavam, ele tirava um garrafão de uísque de um bolso da calça e bebia um grande gole antes de recolocar a tampa e guardá-la. Ninguém poderia saber que aquilo não era uísque, mas chá.

Para um dia de junho, estava quente; ele imaginou que a temperatura deveria estar acima dos 32 graus. Sentou-se de novo e viu um bonde passar por toda a rua, puxado por um velho cavalo. Os bondes elétricos ainda não haviam chegado a Bisbee. A maior parte dos veículos nas ruas ainda eram carroças e diligências. A cidade tinha apenas um punhado de automóveis e caminhões de entrega, e nenhum estava em evidência.

Ele conhecia o suficiente sobre o lugar para saber que fora fundado em 1880 e nomeado em homenagem ao juiz De Witt Bisbee, um dos investidores por trás da Mina de Cobre Queen. Uma comunidade razoavelmente grande; sua população de 20 mil pessoas fazia dela a maior cidade entre São Francisco e St. Louis. Apesar das muitas famílias dos mineiros que viviam em casas de madeira, a economia se baseava principalmente nos saloons e em um pequeno exército de senhoras moralmente ambíguas.

A cabeça do homem pendia sobre seu peito. Parecia um bêbado cochilando. No entanto, era uma farsa. Ele estava consciente de cada movimento a seu redor. Ocasionalmente, olhava pela rua em direção ao Banco Nacional de Bisbee. Ele observou com interesse, através dos olhos semicerrados, enquanto um caminhão com acionamento por corrente e pneus bem sólidos chacoalhou em direção ao banco. Havia somente um guarda, que saiu do caminhão carregando um grande saco de notas recém-impresas. Alguns minutos depois, o homem teve a ajuda da caixa do banco para passar pela porta carregando um pesado cofre e levá-lo até o caminhão.

O homem sabia que era um carregamento de ouro, uma parte dos 84 mil quilos de ouro que tinham sido produzidos nas minas locais. Entretanto, não era o ouro que atraía seu interesse. Era pesado demais e arriscado demais para um único homem lidar. Era o dinheiro que o trazia a Bisbee, não o precioso metal amarelo.

Observou enquanto o caminhão se afastou e dois homens, que ele identificou como os seguranças da gigantesca Companhia Mineradora Phelps Dodge, saíram do banco. Entregaram o dinheiro para cumprir a folha de pagamento da companhia no dia seguinte. Ele sorriu, sabendo que os bens do Banco Nacional de Bisbee tinham subido a um novo nível.

Tinha visto quem entrava e saía do banco por quase duas semanas até conseguir identificar todos de vista. Também tinha anotado a hora em que entravam e saíam. Satisfeito por saber que agora não havia ninguém no banco exceto o caixa e o proprietário/gerente, ele olhou para o relógio e assentiu.

Preguiçosamente, o velho indigente se levantou, espreguiçou-se e caminhou a passos lentos pela rua de paralelepípedos e pelos trilhos do bonde até o banco, carregando o saco de aniagem grande e vazio sobre um dos ombros. Quando estava prestes a entrar, uma mulher passou por ele inesperadamente. Ela lançou-lhe um olhar de aversão, contornou-o e entrou. Ela não estava em seus planos, porém ele decidiu lidar com a questão em vez de esperar. Checou a rua e entrou no banco atrás dela.

Fechou a porta. O caixa estava no cofre e a mulher esperou até que ele reaparecesse. O indigente tirou da bota um Colt automático calibre .38 de 1902 e acertou a mulher na nuca com o tambor da arma, olhando com desinteresse quando ela desabou de vagar no chão de madeira. Foi tão repentino e silencioso que o proprietário do banco não viu nem ouviu nada de seu escritório.

Então, o mineiro bêbado, subitamente transformado em ladrão de banco, saltou o balcão com leveza, entrou no escritório do dono e colocou o cano da arma em sua cabeça.

— Resista e eu atiro — disse em tom baixo e autoritário. — Agora, mande o caixa entrar aqui.

O calvo, gordo e chocadão do banco olhou para ele com olhos castanhos arregalados de medo. Sem discutir, ele chamou:

— Roy, venha até aqui.

— Já vou, senhor Castle — Roy respondeu de dentro do cofre.

— Mande-o deixar o cofre aberto — sussurrou o assaltante com voz afiada.

— Roy, não feche a porta do cofre — Castle obedeceu, ficando vesgo quando seus olhos se focaram na arma pressionada contra sua testa.

Roy saiu do cofre, um livro de registro contábil debaixo do braço. Não pôde ver a mulher inconsciente deitada debaixo do balcão. Sem suspeitar de nada, ele entrou no escritório de Castle e ficou petrificado quando viu o assaltante com uma arma na cabeça de seu chefe. O ladrão afastou o cano da cabeça de Castle e agitou-o em direção ao cofre.

— Vocês dois — disse calmamente —, entrem no cofre.

Nem pensaram em resistir. Castle ergueu-se da mesa e foi na frente, enquanto o ladrão passava rapidamente junto da janela para ver se não havia ninguém na rua dirigindo-se ao banco. Exceto por umas poucas mulheres fazendo compras em um carro de cerveja que passava, a rua estava tranquila.

O interior do cofre estava bem iluminado, com uma lâmpada de latão Edison pendurada no teto de aço. Exceto pelo baú contendo o ouro, muitas pilhas de notas, em sua maioria parte da folha de pagamento das companhias mineradoras, cobriam as prateleiras. O assaltante jogou o saco de aniagem para o caixa.

— Ok, Roy, encha isso com todas as verdinhas que tiver.

Roy fez como ele dizia. Com mãos trêmulas, começou a varrer as pilhas de notas de diversos valores para dentro do saco. Quando terminou, o saco estava esticado até o limite de suas fibras de juta e parecia ter o tamanho de um saco de lavanderia bem cheio.

— Agora, deem no chão — mandou o assaltante.

Castle e Roy, acreditando que o ladrão estava agora prestes a empreender sua fuga, esticaram-se no chão com as mãos estendidas sobre a cabeça. O bandido tirou uma pesada echarpe de lã de um de seus bolsos e enrolou-a no bocal de sua automática. Então, sistematicamente atirou na cabeça dos dois homens. O som foi mais parecido com o de duas pancadas fortes do que com disparos de uma arma de fogo. Sem hesitar por um segundo, ele colocou o saco por cima do ombro e saiu do cofre sem olhar para trás.

Infelizmente, não havia terminado. A mulher debaixo do balcão gemeu e tentou se apoiar nos cotovelos. Com total indiferença, ele se inclinou, baixou a arma e acertou-a na cabeça, como tinha feito com o dono do banco e o caixa. Não houve remorso, nem o menor sinal de emoção. Ele não se importava se algum deles deixara uma família para trás. Matar três

peçoas indefesas a sangue frio como o mesmo interesse que teria demonstrado ao pisotear uma fila de formigas.

Parou para procurar um dos cartuchos de bala que pensou ter ouvido cair dentro da echarpe enrolada na arma, mas não conseguiu encontrá-lo. Desistiu e caminhou casualmente para fora do banco, notando, satisfeito, que ninguém tinha ouvido os disparos abafados.

Como sacode aniagem inchada de dinheiro, o homem seguiu pelo beco que ficava atrás do banco. Entrando em um vão sob uma escadaria, onde não poderia ser visto, tirou as roupas encardidas, removeu a peruca e a barbacinza e jogou tudo em uma pequena valise. Revelando-se agora em um carro novo feito sob medida, colocou um chapéu-coco em um ângulo garboso sobre a cabeça e o cabelo vermelho, agora muito bem escovado. Passou uma gravata pelo pescoço e deu-lhe um nó antes de jogar as botas gastas na valise. Era um homem baixo e as solas e saltos das botas tinham uma elevação de quase cinco centímetros. Depois, tirou um par de sapatos de couro inglês com saltos para fazê-lo parecer mais alto, antes de voltar sua atenção para uma grande mala de couro que escondera sob uma lona, junto com uma motocicleta Harley-Davidson. Olhando de um lado para o outro do beco a cada instante, ele transferiu o imenso monted de dinheiro do saco de juta para a mala, que prendeu com uma correia ao porta-bagagem sobre a roda traseira da moto. A valise contendo seu disfarce ele amarrou no bagageiro frontal.

Nesse momento, ouviu gritos pelo beco, vindos da Tombstone Canyon Road. Alguém tinha descoberto os corpos no Banco Nacional de Bisbee. Despreocupado, ele empurrou a moto adiante e ligou o motor de um cilindro de 63 centímetros cúbicos e três cavalos-força. Jogou uma perna por cima do assento e partiu por becos desertos até o pátio de manobras. Moveu-se sem ser visto por um ramal ferroviário onde um trem de carga tinha parado para apanhar água.

Ele chegou na hora certa.

Mais cinco minutos e o trem de carga voltaria para os trilhos principais, partindo em direção a Tucson. Sem ser notado pelo maquinista e pelo brequista, enquanto estes puxavam um grande tubo do tanque de madeira para dentro do vagão-reboque para criar vapor de água, o homem pegou uma

chave do bolso de seu colete e abriu o cadeado da porta de um vagão de carga, no qual estava pintado um logotipo onde se lia FÁBRICA DE MÓVEIS O'BRIAN, DENVER. Ele empurrou a porta corrediça, abrindo-a. A presença de tal vagão nessa hora e lugar não era coincidência. Agindo como um representante fictício da igualmente fictícia Fábrica de Móveis O'Brian, ele tinha pagado para que esse vagão fosse incluído no trem de carga que passava por Bisbee, saindo de El Paso, no Texas, para Tucson, no Arizona.

Ele pegou uma grande tábua, ligada por colchetes à lateral do vagão, e usou-a como rampa para colocar a Harley-Davidson a bordo. Então, fechou a porta corrediça rapidamente e passou a mão por uma pequena abertura com dobradiças para fechar o cadeado quando o assobio do locomotivo soou e o trem começou a se mover, saindo do ramal para os trilhos principais.

Do lado de fora, o vagão de carga se parecia com qualquer outro que tivesse sido usado por muitos anos. A pintura estava desbotada e as laterais de madeira estavam talhadas e lascadas. Mas sua aparência era enganosa. Até a tranca da porta era falsa, fazendo parecer que o carro estava bem fechado. Mas era o interior que mais enganava. Em vez de vazio ou apinhado de móveis, era luxuoso, ornamentado e pomposamente mobiliado, como um vagão particular de um presidente de ferrovia. Painéis de mogno espalhavam-se pelas paredes e teto. O chão estava coberto por um grosso carpete. A decoração e a mobília eram extravagantemente magníficas. Havia uma sala de estar opulenta, uma cama palaciana e uma eficiente cozinha com as mais recentes inovações para a preparação de refeições sofisticadas.

Não havia criados, cabineiros ou cozinheiros.

O homem trabalhava sozinho, sem cúmplices que pudessem revelar seu verdadeiro nome e ocupação. Ninguém sabia de suas operações clandestinas como ladrão de bancos e assassino em massa. Até o vagão tinha sido construído e decorado no Canadá antes de ser transportado em segredo pela fronteira até os Estados Unidos.

O assaltante relaxou em um sofá de couro macio, desenvolveu uma garrafa de Château La Houringue Bordeaux 1884, resfriado em um balde, e serviu-se de uma taça.

Sabia que o xerife da cidade logo montaria um pelotão. No entanto, eles procurariam por um mineiro velho e nojento que mata a em estado embria-

gado. Os policiais se espalhariam, revirando a cidade, quase certos de que ele era pobre demais para ter um cavalo. Nenhum dos cidadãos o viu chegar e sair montado em um cavalo ou dirigindo uma diligência.

Imensamente satisfeito consigo mesmo, ele bebericou vinho em uma taça de cristal e estudou a maleta de couro. Era seu décimo primeiro ou décimo sexto assalto bem-sucedido?, refletiu. Os 38 homens e mulheres e as duas crianças que ele matara nunca entravam em sua mente. Estimava ter tirado de 325 mil a 330 mil dólares da folha de pagamento das mineradoras. A maioria dos ladrões nem teria chegado perto de adivinhar a quantia dentro da maleta.

Mas era fácil para ele, já que era também um banqueiro.

O xerife, os delegados e o pelotão nunca encontrariam o assaltante e assassino. Era como se tivessem desaparecido no ar. Ninguém jamais pensaria em conectá-lo ao homem assado cruzando a cidade em uma motocicleta.

O crime hediondo se tornaria um dos mistérios mais duradouros de Bisbee.